

TICA SIMÕES

A CASINHA-QUE-ANDA

EM

UMA AVENTURA
INESQUECÍVEL

ILUSTRAÇÃO: GEORGE PELLEGRINI







Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JAQUES WAGNER - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

OSVALDO BARRETO FILHO - SECRETÁRIO

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ANTONIO JOAQUIM BASTOS DA SILVA - REITOR

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - VICE-REITORA

DIRETORA DA EDITUS

MARIA LUIZA NORA

Conselho Editorial:

Maria Luíza Nora – Presidente

Adélia Maria Carvalho de Melo Pinheiro

Antônio Roberto da Paixão Ribeiro

Dorival de Freitas

Fernando Rios do Nascimento

Jaênes Miranda Alves

Jorge Octavio Alves Moreno

Lino Arnulfo Vieira Cintra

Marcelo Schramm Mielke

Maria Laura Oliveira Gomes

Marileide Santos Oliveira

Paulo Cesar Pontes Fraga

Raimunda Alves Moreira de Assis

Ricardo Matos Santana

Para meu pai,
de quem herdei o gosto pela viagem.

Para Henrique,
viajante-companheiro de aventura-vida.



Para Mau, Moy e Reco,
primeiros tripulantes e inspiradores desta aventura.

Para Pedro e Camila,
aventureiros que não foram.

E para Lulu, Gabi e Juju,
que chegaram depois...

©2010 by TICA SIMÕES
ticasimoes@culturaturismo.com.br

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC
Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Ilhéus/Itabuna, km 16 - 45662-000 Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028 - Fax: (73) 3689-1126
<http://www.uesc.br/editora> e-mail: editus@uesc.br

Reimpressão - 2011

PROJETO GRÁFICO E CAPA
George Pellegrini
Ilustração “Oca”: Camila Netto

REVISÃO
Maria Luiza Nora



FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES
funarte
MINISTÉRIO DA CULTURA

Esta obra foi
selecionada pela
Bolsa Funarte de
Criação Literária

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S593 Simões, Tica.
A casinha-que-anda em uma aventura inesquecível /
Tica Simões; ilustração George Pellegrini.
– Ilhéus : Editus, 2010.
84p. il.

ISBN 978-85-7455-175-3

1. Literatura brasileira – Descrições de viagens. I. Pellegrini, George. II. Título.

CDD – 869

Sumário

Parte I - Costa do Cacau

-  Começando a aventura 11
-  Medo não, só cautela! 25
-  Um por todos, todos por um! 37

Parte II - Costa do Descobrimento

-  De aventura no mar e cantoria 51
-  De história e origens 65
-  Amigos para sempre! 73

*Navegar é preciso,
e viver para contar a história.*

Vovô Hique



Parte I

Costa do Cacau



Casinha-que-anda
motorhome Solimar, da Turiscar, batizado de Combogó

Tripulação:

Comandante e piloto: vovô Hique (1); Coordenadora de bordo e de aventuras: vovó Tica (2); Aventureiros: Marina (3), João (4), Aline (5) e Tiana (6); Tripulação de apoio: tia Soca (7), tia Suca (8), tia Sil (9) e Domingos (10).





Começando a Aventura

Num dia de muita saudade, pensei alto:

— Seria muito bom fazer uma viagem com os nossos netinhos.

Vovô Hique, como se já esperasse essa proposta (ou leu o meu pensamento antes de eu falar?), foi dizendo:

— Quando?

Marcamos para as férias de fevereiro. Tínhamos, então, três meses para os preparativos, pois estávamos ainda em novembro. Antes, planejamos o roteiro, cuidadosamente, confirmando uma programação na qual não haveria oportunidade de tédio nem saudade. Percorreríamos a Costa do Cacau e a Costa do Descobrimento, da Bahia. Seria uma viagem ecológico-cultural.



Fiz uma carta-convite-circular para uma viagem de sete dias na casinha-que-anda e enviei-a para os netinh@s Pedro (13), Aline (8), Camila (3); e os sobrinh@s-net@s Tiana (5), Marina (7) e Joãozinho (6). Para garantir a sobrevivência dos avós, convidei uma equipe de apoio: tia Soca, que atuava como para-raios; tia Suca (avó de João e Marina), como para-médica; tia Sil (avó de Tiana), como para-tudo. O percurso seria: Ilhéus, Una, Canavieiras, Santa Luzia, Santa Cruz Cabrália e Porto Seguro. A programação (da qual constavam dicas sobre a bagagem) foi aprovada por todos (viajantes e pais) em reunião, ainda em novembro. A animação foi instantânea e os preparativos começaram.

A proposta era que todos viessem, de avião, nos encontrar em Ilhéus. Nós, morrendo de ansiedade, estaríamos esperando. Sete dias depois, de Porto Seguro, quem sabe ainda vivos, embarcaríamos os “anjinhos” de volta aos pais saudosos.

Quando apresentamos a ideia, os pais disseram logo que não iríamos ter fôlego. Aceitamos o desafio com entusiasmo.

Ficou certo que a bagagem de cada um seria mínima. A recomendação era de que não deveriam levar supérfluos. Mas, na euforia da arrumação, houve até quem exigisse

enxoval. Foram dois meses de expectativa. E nós, os avós HT, em preparo físico para acompanhar a turminha do barulho.

Às vésperas da viagem, a tripulação foi desfalcada de Pedro e Camila (sniff!!), que não puderam ir. Com a ausência de Pedro, Joãozinho foi promovido a co-piloto. Domingos apresentou-se como tripulação de apoio e resolveu ir de carro com tia Sil.

No dia anterior à chegada da turminha, levamos a casinha-que-anda para o sítio Monte-Serrat (na linda praia do Norte, de Ilhéus) a fim de cuidar dos últimos preparativos. Era lua cheia.

À noite, quando a tripulação de apoio começou a dizer que, no dia seguinte, iria também ao aeroporto esperar a turminha, vovô Hique deu um “piti”:

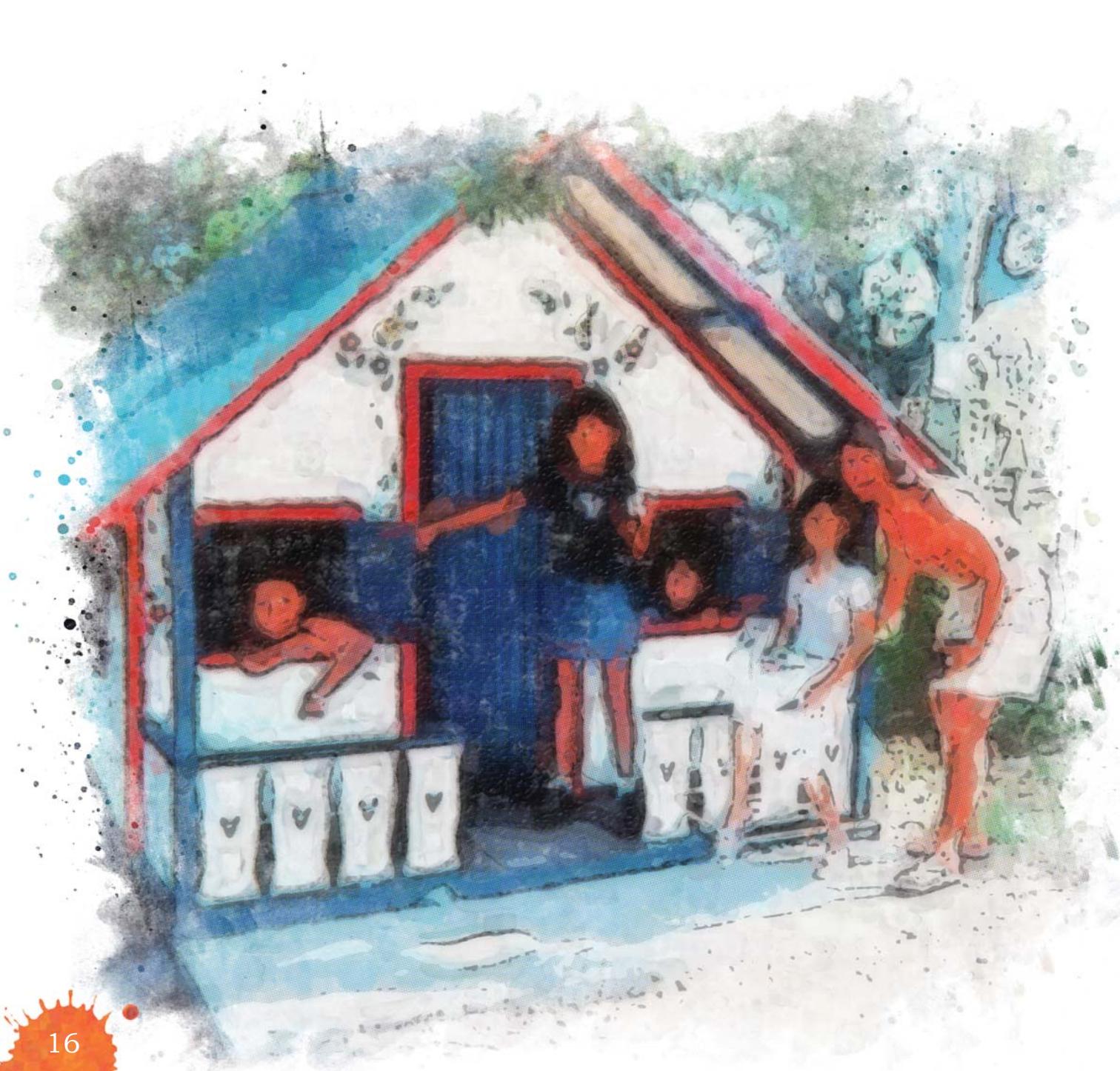
— NÃO vai ninguém! De adulto, só os avós da aventura.

Ele estava guloso de netos. Não queria dividir aquele primeiro momento. A tripulação de apoio deu-lhe razão:

— Tá, vô Hique...

Acordamos cedo, pegamos as nossas super-descartáveis máquinas fotográficas e fomos, com Joãozinho, esperar a tripulação da casinha-que-anda, que estava chegando no vôo da Nordeste.





Desceram do avião compenetradas e lindas com as mochilas às costas: Aline, Tiana e Marina. Os olhinhos brilhavam. Foi uma festa de entusiasmados abraços e beijos. E das primeiras fotos, claro. Tudo tinha que ficar registrado.

Começando o *tour* cultural, demos uma volta por Ilhéus, lembrando a história da Capitania de São Jorge dos Ilhéus, mostrando a cidade do escritor Jorge Amado, falando sobre o maior porto em mar aberto da América Latina.

Já a caminho do sítio, passamos na fábrica de Chocolate Caseiro de Ilhéus.

— Humm, Hummm.

Vimos a miniatura de uma fazenda de cacau; e João, todo compenetrado, explicou para as primas cada ponto, desde o cocho às barcaças. Depois de saber como se fazia o chocolate, todos queriam provar um tablete.

Entramos na lojinha. Olhos e bocas gulosas, queriam tudo. Começando a proposta educativa, eu disse:

— Podem comprar o que quiserem. Como cada um tem o seu dinheiro, cada qual paga o seu.

Foi como um balde de água fria!

Imediatamente começaram as contas e as escolhas cautelosas. Depois das escolhas, surpresa, quando eu disse:

— Como é a primeira vez, eu pago.

E todos juntos:

— Viva vovó Tica!!!

O chocolate ficou bem mais gostoso. Essa turminha prometia grandes financistas. E Aline me disse:

— Vó, acho essa uma boa idéia, senão íamos querer comprar tudo!

A estratégia começava a funcionar...

Seguimos para o sítio Monte-Serrat, onde nos esperavam a tripulação de apoio e mais Raíza, com tio Rai e Kito; Paulo Neto com tio Paulinho e Lena. Eles tinham vindo dar as boas-vindas. A chegada da turminha foi uma festa. Mais retratos.



A casinha-que-anda estava com todas as janelas abertas, num grande riso carinhoso de acolhida. Para a turminha, ela parecia enorme: uma cama de casal, acima da cabine; no corredor, um beliche, com o banheirinho ao lado; em seguida, geladeira, fogão, pia e armários; e, ao fundo, uma grande mesa/cama. O nome de cada um dos aventureiros, nos armários, indicava o aconchego e a organização. Os quatro chegaram e tomaram posse dos respectivos armários personalizados. Para o nosso prazer e alívio, Tiana logo assumiu a coordenação da limpeza. E foi ditando a primeira regra: somente se podia entrar na casinha sem sapato e com os pés limpos de areia. Passou a escovinha nos pés e exigiu o mesmo de todos. Aline e Marina ficaram responsáveis pela arrumação. Joãozinho, todo compenetrado de co-piloto, ao saber que, se o pneu furasse, ele teria que tomar as providências, convocou Domingos para ajudante de co-piloto com a função específica de pagar o borracheiro.

O primeiro susto do avô foi com Tiana, que entrou no mar afoitamente; ele, atrás dela de bermuda e tudo. Ficou verde! Assumi a moçada. Jacarezinho, fura-onda foram algumas brincadeiras. Depois, enquanto a tripulação de apoio ficava com os menores, fui com Aline e Marina nadar mais ao largo. Marina logo quis voltar.

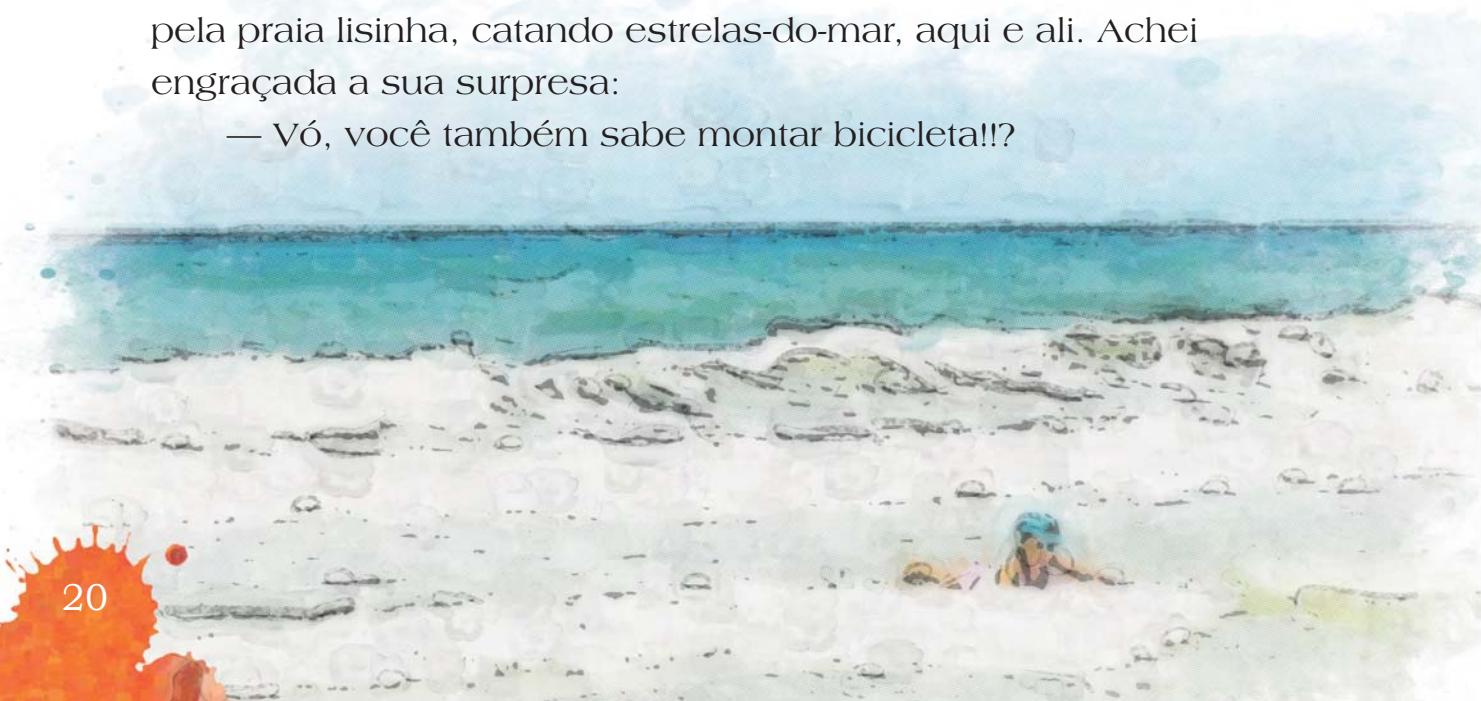
Ficamos, Aline e eu, subindo onda, cortando onda, furando onda. E ela, depois do mergulho, disse:

— Vó, a onda por cima do corpo é uma delícia.

Passamos a observar o movimento das ondas, a sua periodicidade e características: altas e lisas, altas e bordadas de espuma, baixas, baixinhas. Como uma dança. Dançamos com elas e mergulhamos, quando eram altas e bordadas. E furamos, quando eram altas e lisas. E subimos, quando eram baixinhas ou, mesmo altas, muito lisas. Uma delícia. Ela segredou-me o quanto gostava do mar. Senti que nascia entre nós uma identificação nova e muito forte. Mágica.

Nessa altura, Marina chamava para passearmos de bicicleta. Lá fomos nós. Aline preferiu ir de garupa. Andamos pela praia lisinha, catando estrelas-do-mar, aqui e ali. Achei engraçada a sua surpresa:

— Vó, você também sabe montar bicicleta!?!?



Depois foi o banho doce no chuveirão. E o plantio da cerca viva. Aproveitamos para dizer o que um dia os nossos pais nos disseram sobre o compromisso de cada um de nós com a vida: plantar uma árvore, fazer um filho e escrever um livro. Eles estavam cumprindo o primeiro. Cada um pegou a sua muda, plantou e regou, sob a coordenação do vovô Hique. Mais retratos.





À tardinha fomos à corrida de grauçá.

A descoberta da casa dos bichinhos era liderada por Raíza. A turminha toda atrás, entre assustada e excitada, mostrava um e outro grauçá.

De vez em quando pintava um medo. Aí, a gente dizia o princípio do aventureiro:

— Medo é invenção da nossa cabeça; medo não existe para aventureiro; o que existe é cautela!

Eles engoliam em seco e continuavam com a corrida.

Raísa com toda desenvoltura pegava os bichinhos e os colocava num balde com areia. Lá pelas tantas, Aline propôs que fosse dada uma medalha da coragem a Raísa. E prontamente Marina, Joãozinho e Tiana concordaram. Estava resolvido.

Na praia, vimos a lua nascer, disco prateado na areia branca: lua cheia. A jangada era banco para apreciar o espetáculo.

Depois, acendemos a fogueira e, em volta dela, de mãos dadas, fizemos o ritual do fogo, em prece de proteção à nossa aventura a acontecer com solidariedade e companheirismo.

A moçada, imbuída desses sentimentos, fez propósitos de uma grande aventura, dizendo a uma só voz:

— Um por todos e todos por um!

A casinha-que-anda nos esperava para o primeiro sono da viagem.





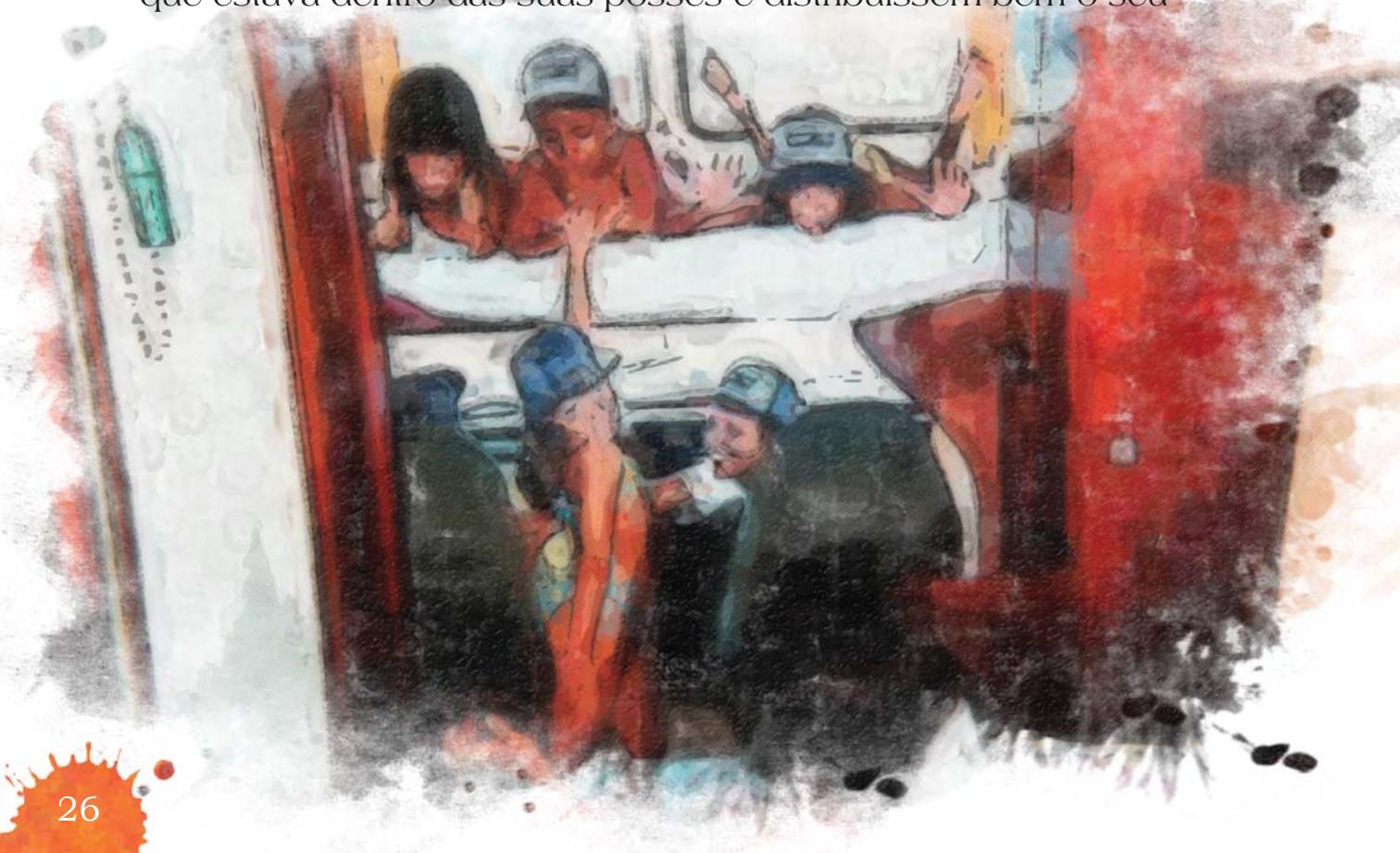


Medo não, só cautela!

A mesa virou uma grande cama onde os quatro se esparramaram: Marina, Aline, Tiana e João. A equipe de apoio, nessa primeira noite, dormiu na casinha-rosa do sítio, ou casinha-que-fica, como a apelidou Paula (mãe de Tiana), dias depois. Os tripulantes, exaustos do dia de mar-e-sol, apagaram. Nem os sonoros roncos do vovô perturbaram os sonhos povoados de mil fantasias.

Mal o sol apontou no horizonte, a turminha saltou da cama pronta para iniciar a viagem.

Combinamos que, toda manhã, cada um retirava do seu “cofre-forte” dez reais para as despesas do dia. Cada um pagava as suas contas. Isso foi ótimo, fez com que valorizassem as coisas, observassem o que era supérfluo, só comprassem o que estava dentro das suas posses e distribuíssem bem o seu



dinheiro; que tivessem a liberdade e a responsabilidade das suas opções. E como foram eficientes! Vocês verão!

Tia Soca e tia Suca assumiram os seus postos. A turminha subiu para a escotilha — a cama dos avós HT, que fica sobre a cabine e que oferece ampla visão da estrada. E começou a aventura da viagem.

O carro de apoio nos seguia de perto, tripulado por tia Sil e Domingos.

Seguimos em direção à reserva do mico-leão-de-cara-dourada. Assumindo o meu papel de guia, já ia explicando que estávamos no coração da Mata Atlântica, numa das maiores biodiversidades do planeta. Tive de explicar o que era biodiversidade e planeta. Quando disse bio=vida e diversidade=variado, imediatamente a explicação foi acrescentada e as especulações sobre as formas de vida surgiram. A expectativa crescia para ver o reduto de uma espécie tão rara.

Chegamos à entrada da reserva e o guia já nos esperava. Deixamos a casinha-que-anda descansando (ela é muito grande para entrar na mata). Subimos todos na carroceria de uma camionete que nos levaria ao coração da floresta.

De tênis, prontos para a caminhada, estávamos todos com o boné que especialmente mandamos fazer, com a marca da nossa viagem, a casinha-que-anda. Mochila às costas, lá fomos. Entramos na Mata Atlântica. Passamos por seringueiras, com os copinhos cheios de leite; aí contei à turminha que, quando tio Raí era menino, a professora pediu-lhe um exemplo de mamífero e ele prontamente disse:

— Seringueira!

Compenetrados e sabidos, todos riram da piada.

Cada passo, na mata, era uma expectativa e surpresa. Bichinhos, “cipó de Tarzan” (lianas), bicho pau, sapo folha, teias-de-aranha gigantes, ninhos de passarinho. E o cuidado com o silêncio, para não espantar os micos-leões-de-cara-dourada. Cada um de nós observava as árvores.

Chegamos às passarelas aéreas. Suspensas em centenários troncos de ipê, pau d’arco, anjico, putumuju e jacarandá, as passarelas conduziam-nos pelas copas das árvores, a 20 metros do solo. De cima, víamos a mata embaixo. Emocionante e lindo! A escada dos micos estava lá. E ouvíamos a “conversa” deles. Mas os micos mesmo, somente Tiana viu!! E, cheia de importância, os descrevia interminavelmente.



Continuamos subindo e descendo por caminho “de índio”.
Tinha até uma árvore recadeira (que produzia eco do seu tronco
oco). De repente, dentro da mata, uma corredeira. Já cansados,
turminha e “coroas”, afinal, chegamos ao escritório da reserva.
Suados, fomos todos para o riozinho de nascente, o rio Mucugê.



A água era uma delícia. E havia boias daquelas de pneus de caminhão. E barquinho. Caímos todos. E nadamos muito. E atravessamos o riozinho a nado ou nas boias ou mesmo no barco. Aline, cada vez mais fazendo jus à medalha de aventura aquática! Tiana, afoita, nos deixava sem fôlego, empinava o nariz e ia nadando, dizendo que fazia como os golfinhos. Marina preferiu o barco e Joãozinho, depois do receio inicial, também aproveitou. Afinal, o lema estava sendo respeitado. Medo não, só cautela! A equipe de apoio - tias Sil, Suca e Soca - mostrou que também era peixinho.

Depois do banho, fomos recebidos com um lanche “esperto”. Retornamos na camionete para a casinha-que-anda, que pacientemente nos esperava.

Seguimos para Una, onde paramos à sombra de uma árvore e, na mesa da nossa casinha-que-anda, comemos uma *big* farofa de linguiça, com fritas e azeitonas.

— Huummmmm!

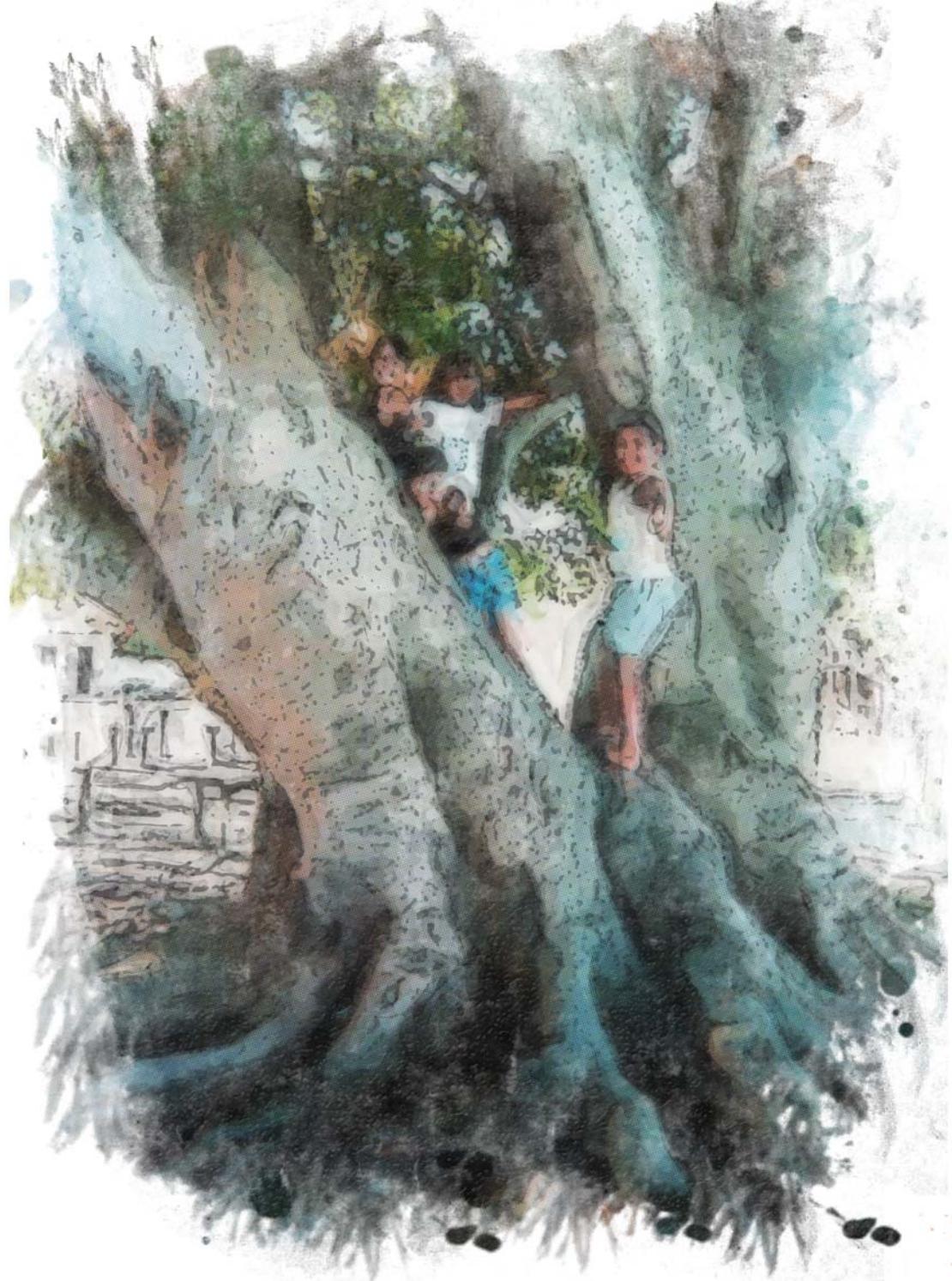
Daí até Canavieiras, sob o comando seguro de vovô Hique, a casinha andava “maneira”. A turminha fez uma fuzarca. Colocou o “É o tchan” naquelas alturas e foi dançando até lá. Os nossos ouvidos estavam zunindo. Eles não admitiam nem falar em abaixar o som.

Tínhamos que encontrar uma forma de convencê-los a ouvir música mais baixo. Mas como????

Já era tardinha quando chegamos. Paramos na porta da pousada onde estavam hospedados tia Sil e Domingos. Vovô Hique conhecia o proprietário e, entre uma conversa e outra, já estávamos todos na piscina. Daí para os chuveiros, e estava garantido o banho daquele dia.

Depois, famintos e cansados, fomos procurar um restaurante. Aline pediu ao avô que a levasse no pescoço. Ele, apesar do cansaço de um dia de viagem e andanças, mostrou ser avozão e padrinho: carregou-a por três quadras! Uff!, coitado; mas conseguiu chegar... Depois, fomos telefonar para os pais. Para minha surpresa, não houve choros. Saudade sim, claro. Mas o sabor da aventura não deixava lugar para choros. Começávamos bem...

Perto de uma árvore centenária, a casinha nos esperava para um sono reparador. Os quatro na cama-mesa. Tia Suca na caminha do meio e tia Soca no chão, com as pernas metidas por baixo da cama. Apesar do cansaço, Marina exigiu que eu contasse o “causo” que prometera. A atenção era tanta que dava gosto contar:



— Certo dia, eu ia dirigindo o motorhome (a casinha-que-anda) e era noitinha. Descia uma serra no interior de Minas Gerais. Biso Lau e vouô Hique dormiam, respectivamente, na caminha do meio e no chão. Bisa Anna ia ao meu lado, conversando alegremente. De repente, uupt! Algo entrou pela janela da casinha-que-anda e agarrou-me o pescoço com umas garras afiadas. Que seria aquilo?! Um vampiro?? Segurei firme o volante com uma das mãos, enquanto com a outra tentava arrancar o bicho. Freei violentamente, mas o motorhome



Combogó (eu ainda não tinha dito que o nome da casinha-que-anda é esse) ia a 80 Km. E gritei: — Acuda, Henrique! E bisa Anna, que era muito da escandalosa, gritou mais ainda, mesmo sem saber porquê eu gritava. E quanto mais eu tentava arrancar aquilo que eu não sabia o que era, a coisa mais enfiava as garras afiadas no meu pescoço. Com o meu grito, vouô Hique (o meu herói) levantou de um salto e arrancou uma coruja do meu pescoço. Uff! A bichinha feiosa tinha os olhos mais arregalados do

que já são. Ela também estava assustada; deixamos que voltasse para a mata. Depois, quando paramos no posto e vouô Hique contou a façanha, os caminhoneiros pediram a história para colocar no jornal do caminhoneiro.

Nessa altura, a turminha nem respirava. De olhos arregalados, pedia:

— Conta outra!

Houvesse coisa pra contar!

Os adultos já dormiam, quando, afinal, consegui que deixassem o resto para o dia seguinte (senão, quem ia apagar era eu).





Um por todos, todos por um!

Cedinho, preparamo-nos para partir. Claro que antes tinha o ritual do escova-dentes e toma-toddyinho. Cada um arrumava as suas coisas nos respectivos armários. Uma organização de meter inveja a qualquer mãe.

Aquele seria o dia de percurso mais longo. Tínhamos receio de que eles ficassem enfadados. Mas nem sombra disso. Depois de muito ouvir o “É o Tchan”, fomos todos para a escotilha e falei-lhes sobre outras formas de ouvir música.

Mais baixo. Não queriam nem saber. Foi aí que lhes falei do Fantasma da Ópera e lhes propus contar a história ao som da música. Mas tinha que ser na altura devida. Como era contar, disseram:

— OK!

Contei O Fantasma da Opera, ao som da sua música (Wishing you were somehow here again), que integra a bela seleção do disco produzido por Andrew Lloyd Webber. Sucesso!

Depois, com ouvidos já refinados, ouviram uma das faixas do disco — Amigos para sempre — que virou a música da viagem.

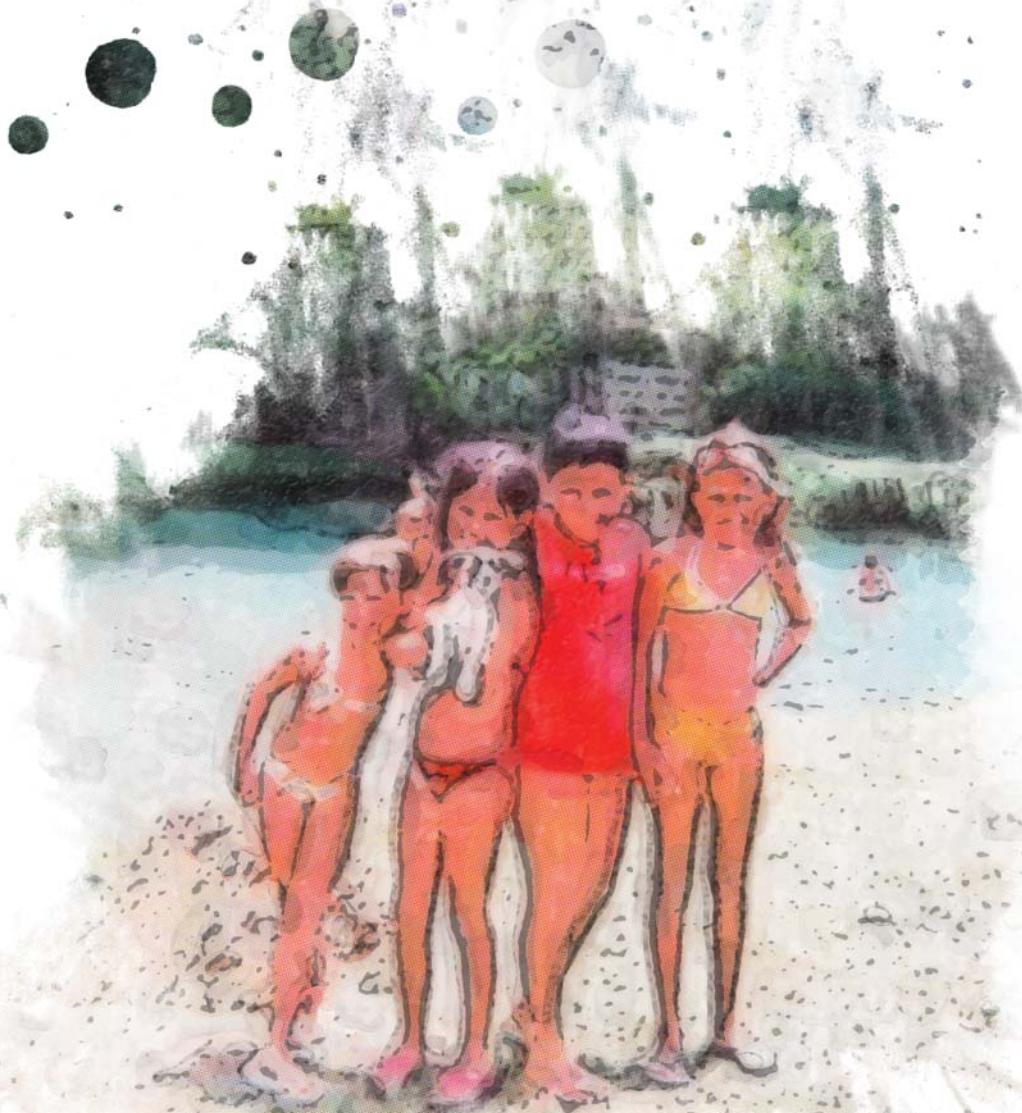
Paramos pouco antes de Santa Luzia (o último município da Costa do Cacau) para descansar; mas eles não queriam nem sair da casinha! Vô Hique descobriu que ali perto havia uma lagoa límpida, respiradouro do mar, segundo diziam. Entrava 2 Km em estrada de barro. Fomos no carro de apoio verificar se valia a pena. E como valia! Demos duas viagens. O respiradouro do mar fica entre árvores que lhe emolduram as margens.

Tem um ar primitivo que somente é quebrado por alguns vestígios deixados por alguns turistas mal-educados.

É uma lagoa límpida no meio da mata. Apesar da sua profundidade, via-se o fundo. E o respirador traz bolhinhas à superfície. As borbulhas na água como que indicam o seu pulmão. Têm ar de mistério e me fizeram lembrar os *geisers*



dos Açores, o arquipélago de Portugal. Mas a turminha não estava interessada nisso. Queria mesmo era tomar banho na água límpida, que (ark!!) estava gelada.



Almoçamos uma deliciosa moqueca e mais peixe frito com batata frita (o prato preferido da meninada). A brincadeira de quatro-cantinhos animou a espera e aumentou a nossa fome (além de testar o nosso preparo físico). Tia Soca, sabidamente, ficou na marcação com uma voz que quase não saía. Depois, já rouca, passou para tia Sil. Eu, que tinha de dar o bom exemplo de esportividade, ocupei um dos cantinhos. Para minha sorte, quando o nosso “gás” já estava acabando, o almoço foi servido.

— Hummm...

Pensamos que depois de tudo isso a turminha iria cair no sono, mal a casinha-que-anda seguisse viagem. Mas... que nada! Colocaram o “É o Tchan” e dançaram até a hora que inventamos a sessão de piadas.

Para atiçá-los (o termo é de Domingos), contei a minha clássica do papagaio:

— *Um certo caminhoneiro viajava muito solitariamente. Um dia, resolveu comprar um papagaio para lhe fazer companhia (afinal, papagaio fala). Mas para decepção do homem, o louro não falava, embora sempre parecesse atento à estrada. Passados alguns meses, quando o motorista fazia uma ultrapassagem perigosa, ele falou: — Vá que dá! Surpreso,*

o motorista resolver dar crédito ao bichinho; continuou a avançar e viu que deu. Passou a confiar no golpe de vista do louro. Depois disso, viajaram muito assim: o louro dando opinião nas ultrapassagens. Certo dia, o caminhoneiro deparou-se com uma ponte estreita. No lado oposto da ponte, vinha uma enorme carreta, tipo Scania. O homem pensou alto: — Não vai dar! Mas o louro disse: — Vá que dá! Vá que dá! Confiante, o motorista continuou. Avançava e, do outro lado, a carreta enorme se aproximava. E ele dizia: — Não vai dar! E o louro retrucava: — Vá que dá! Continuou. A Scania já estava pertinho. Foi quando o louro admitiu: — Não vai dar, não; eu vou voar!

Foi o suficiente para Marina se revelar. Dentre as muitas que contou, riram mais desta:

— Um bêbado anda de bar em bar, tomando cachaça. A cada copo, dá um para o seu ratinho de estimação, que leva no bolso. Lá para o sétimo bar, quando lhe negam a bebida, ele diz: — Me dá um litro de cachaça que nesta bodega não tem homem. E o ratinho: — E se tiver gato, é boiola!

Depois, Joãozinho:

— Um menino estava no cinema e gritava: — Perdi a

minha bolinha. Pararam o filme. Procura, procura. Lá pelas tantas, metendo o dedo no nariz, ele disse: — Deixa prá lá, que eu faço outra.

A seguir, Aline:

— Uma menina foi pescar com o seu pai. Voltou com o rosto inchado e roxo. A mãe perguntou o que fora aquilo. Ela



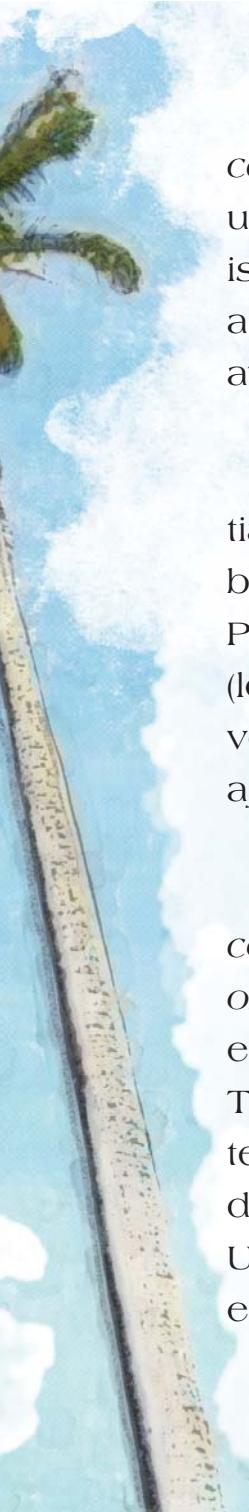
disse: — Um mosquito. E a mãe: — E o seu pai onde estava que não fez nada? E a menina: — Fez sim, ele matou o mosquito com o remo.

Tiana não podia ficar atrás, claro! Sabidamente, tomou a piada de Marina e fez as modificações que entendeu. Lá estava uma piada quase nova.

O carro de apoio nos seguia e, vez por outra, acenávamos para ele; quando, por acaso, desaparecia numa curva ou se escondia atrás de um caminhão, algum deles logo perguntava em tom de posse: — Cadê o nosso carro de apoio? Enquanto entretínhamos a moçada, tia Suca fazia companhia ao comandante vovô Hique que, docemente, conduzia o motorhome Combogó parecendo uma casinha de verdade, tal era a sua estabilidade.

Esgotado o repertório de piadas, fomos para a brincadeira de a-barata-voou, aos pares: Aline e Marina; vovó Tica e Tiana, João e tia Pa-Soca (como carinhosamente a chamava Aline).

Nessa altura, todos estávamos suados e já anoitecia. Porto Seguro ainda estava longe. E aí surgiu a adivinhação: *Qual a*



casinha em que a gente toma banho com ela andando? Era uma adivinhação muito nossa e todos gostaram também por isso. Não houve resistência ao banho (apesar de ser frio), pois a ideia do banho com a casinha em movimento tinha gosto de aventura e o banheirinho era acolhedor.

Era uma função meio para-médica essa de limpeza e tia Suca mostrou a sua eficiência. Dávamos banho entre um balanço e outro. E muitas risadas. Tia Suca e eu, no banho. Primeiro Tiana, na pia. Rapidamente adquirimos *know-how* (leia-se equilíbrio). Continuamos a operação limpeza, um por vez, Marina, Aline e João no chuveiro. Tia Soca (para-raios) ajudava a escolher e trocar as roupas.

Segunda adivinhação: *Qual a casinha onde a gente come com ela andando?* E fomos ao lanchinho. *Qual a casinha onde a gente dorme com ela andando?* Arrumamos a cama e a turminha se aconchegou para ouvir os “causos” de vovó Tica. Sempre puxados por Marina, agora exigiam histórias temáticas: aventura na fazenda, aventura na casinha, aventura de pescaria, aventura de viagem, aventura de acampamento. Uff! Haja “causos”! A sorte é que há mesmo! Mau, Moy e Reco eram sempre personagens, claro; e isto deixava Aline muito

orgulhosa de seu pai, Mau. Vez por outra, exclamações:

— Puxa! Conte outra!

Eu me esforçava para não decepcioná-los. Tinha que puxar tudo da memória e alguma coisa da imaginação. De repente, Marina dizia:

—Tia Tica, você parece uma índia!

Não sei bem por que dizia isso (se pelos casos que contava ou pelo tom da minha pele cabocla, de cabelos lisos), mas disse inúmeras vezes durante a viagem e eu gostava de ouvi-la falar assim. Quando o repertório estava já enfraquecendo, o sono sempre me salvava. Os “anjinhos” se rendiam e passavam então a sonhar outras aventuras.

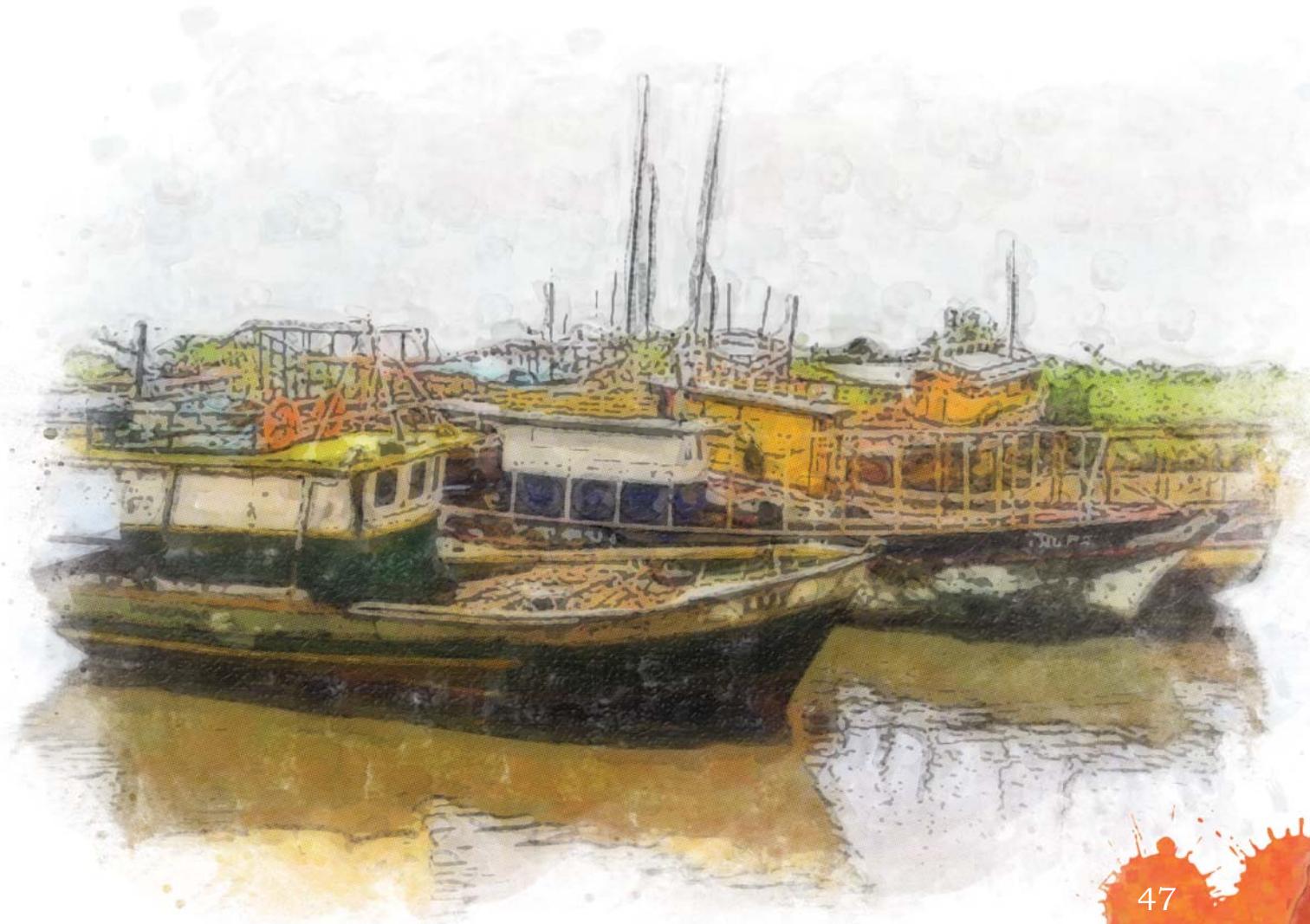
Heroicamente, com vovô Hique na direção, entramos em Porto Seguro. Já era noite. Seguimos para Santa Cruz Cabrália, onde íamos dormir. Estávamos chegando, quando um quebra-molas inesperado fez a casinha-que-anda saltar. O grande tombo quebrou a cama e acordou a turminha. Medo não houve. Esta palavra não mais existia para os quatro. Mas o susto do primeiro instante provocou algum choro, logo substituído pela curiosidade de saber o que acontecera.

— E agora, em que cama vamos dormir?? — perguntavam.

Para-raios e paramédica, eficientemente, resolveram o

problema, emendando a trava que havia partido. Viva! ! Essa equipe de apoio era mesmo uma salvação.

Em Cabrália, estacionamos perto do porto das escunas. Exaustos, dormimos um sono merecido.







Parte II

Costa do Descobrimento





De aventura no mar e cantoria

Já na Costa do Descobrimento, o acordar do terceiro dia da nossa viagem foi no alvoroço do vamos-vamos. Vovô Hique saíra cedo para ver se conseguia as passagens com os seus prestígios de historiador. Afinal, o nosso passeio tinha objetivos histórico e ecológico. Todos estávamos na expectativa de economizar essa graninha. A turminha econômica mais que todos. Quando ele chegou com a boa notícia, o VIVA VOVÔ HIQUE foi uníssono. Estava em cima da hora.



Lá fomos nós, munidos de bloqueadores, nossas super-descartáveis máquinas fotográficas e todos com o boné da casinha-que-anda.

Embarcamos, os dez, numa bela escuna. Descemos pelo rio João de Tiba em direção ao mar.

A guia falava dos aspectos históricos de Santa Cruz Cabrália e informava o roteiro que íamos fazer. Falava da condição geológica de algumas pedras e Aline prontamente disse:

—Já estudei isso, chama-se basalto.

Êta menina sabida!

A escuna rumou mar-a-fora. Tia Sil perguntou, sem medo, só para saber, claro...

— Estamos em mar aberto?

Aproveitamos para explicar a condição que aquela muralha de recife deu a Pedro Álvares Cabral para aportar na Coroa Vermelha, nos idos de 1500.

A escuna avançava para a ilha de coral que, no meio do oceano, parecia um grande banco de areia. Foram centenas de anos que a natureza levou para transformar conchas e pedras em granulado, parecendo areia. A guia avisava que íamos saltar, mas não deveríamos trazer nada, nem depredar.

A escuna parou fora, a uns 300 metros da praia. Alguns botes transportavam os passageiros, da escuna para a ilha. Perguntei às nadadoras Aline e Marina se queriam ir nadando. Elas toparam. Tiana, peixinho elétrico, queria ousar, mas achei demais (não confiei em mim para administrar aquela espoleta numa distância tão grande). Vovô Hique, mostrando sua forma, veio conosco. Fomos os quatro. A distância exigia competência = ousadia e resistência. Vencemos o percurso entre *craw* e nado costas.

A ilhota era linda, mas precisávamos andar com cuidado para não cortar os pés nos corais, nem provocar nenhum estrago. A turminha estava ciente dos cuidados para garantir a sustentabilidade ambiental.

Todos calçados. Tia Suca, a para-médica, atenta. A equipe de apoio, alerta. Andamos, tomamos banho no oceano, comemos alguma coisa e voltamos à escuna. A maré havia baixado muito. A distância pela água agora era bem menor. O número de adeptos nadadores aumentou. Tia Sil, Domingos e Tiana.

No barco, a guia lembrou o aviso que dera. Se alguém





tivesse trazido alguma coisa da ilha podia até ser preso. Joãozinho, aflito, disse:

— E agora? A minha sunga está cheia de areia!

Mal a escuna saiu, começou o som. Aline e Tiana juntaram-se às mocinhas que dançavam e deram show.

Aproximamo-nos de Santo André para outra parada, no repouso das tartarugas. Ao longe, Aline viu umas lagoas. Aportamos um pouco distantes delas, num restaurante. Caímos no mar.

Briga-de-galo foi a brincadeira que se seguiu. Domingos carregava Marina; e eu, Aline. Mas a verdade é que nem eu nem Domingos aguentamos o repuxo (ele, talvez devido a uma queda que havia tomado da bicicleta; eu, talvez devido à coluna. Talvez...). Passamos a tarefa de “cavalos” para Joãozinho e Marina. O primeiro carregava Aline e a segunda, Tiana. Não houve vencedores, nem vencidos. Mas houve muita risada.

Depois, Aline quis ir ver as lagoas que havia avistado ao longe. Ficava depois da curva da praia, um pouco distante. Tentei dissuadi-la. Mas ela insistia que era muito bonito o lugar. Os outros não quiseram ir. Fomos as duas. Caminhamos um

bom pedaço por uma muralha estreita que barrava o mar. Um belo cão de pelo dourado nos seguia. Amigo. Depois da curva da praia, avistamos as lagoas. Lindas. Corremos para lá. A água estava uma delícia. Entre banho e conversas, passamos algum tempo. Aline lembrou de como valeu a pena ter andado tanto. E eu, lembrando o poeta Pessoa, disse-lhe:

— “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”.

Ela imediatamente retrucou:

— Ainda bem que não temos alma pequena!

Lembramo-nos que era hora de voltar.

A escuna nos esperava para a última parada. A ilha dos doces, onde está um imenso manguezal, é uma festa de sabores. Tiana, que havia ouvido antes uma guia com Sil e Domingos, veio ser guia para nós outros. Conduziu-nos com desenvoltura por entre as árvores de aspecto fantasmagórico. Eram imensas árvores de mangue, as maiores que já vi. Majestosas e solenes no meio da lama endurecida. E ela explicava que ali moravam e se reproduziam os caranguejos e exigia, de nós, os cuidados com o local. Com a sua maquininha, exigiu tirar uma foto nossa. Fizemos pose. Ela focou. Depois, fez a sua pose de fotógrafa, rodou a máquina e bateu. Deve ter fotografado os nossos pés!

Voltamos ao barco, para um retorno em som e dança.

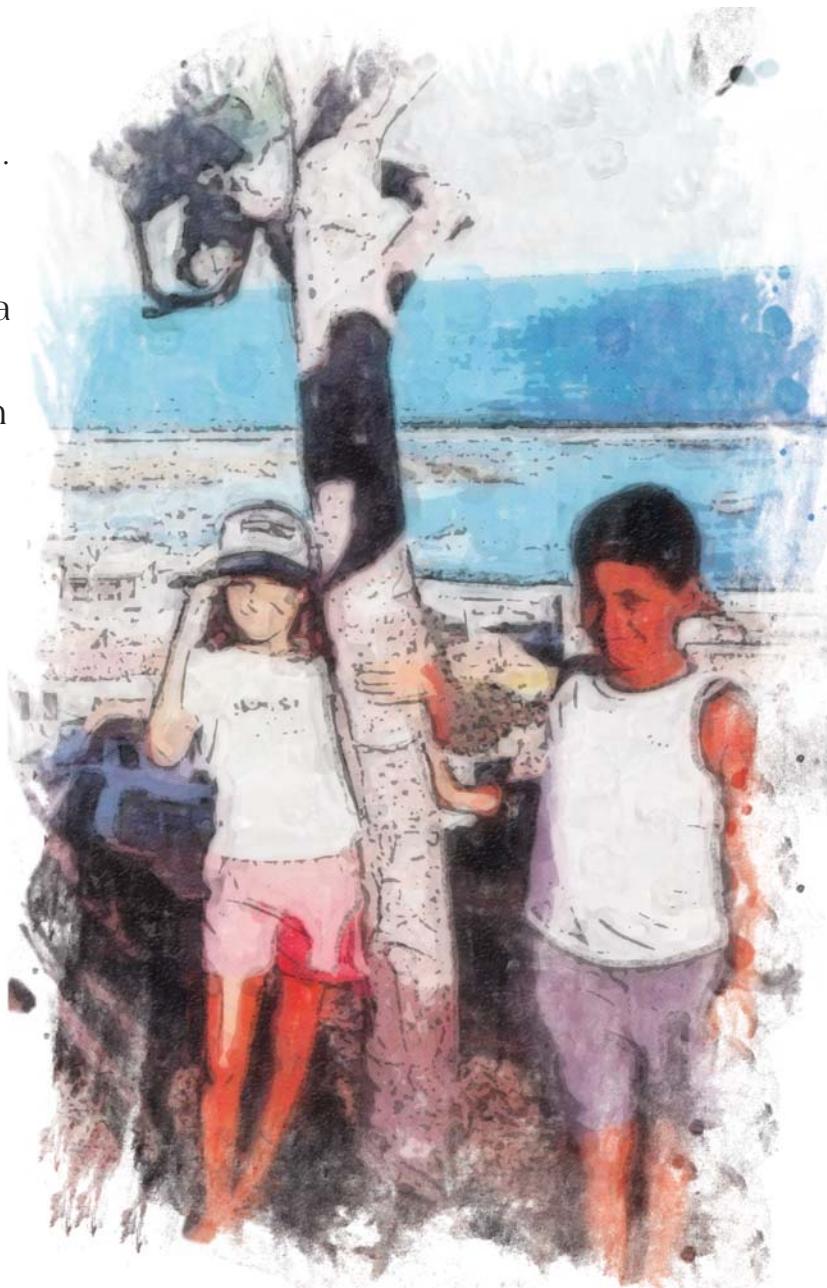


Chegamos em terra sedentos por uma chuva. A operação banho foi lenta, porque utilizamos o pequeno e limpíssimo banheiro da casa de um simpático e solidário vizinho. As mocinhas queriam ficar catitas para a noite.

Já prontos, saindo de Cabrália, subimos o morro para conhecer a parte mais antiga, onde fica a igreja e tem uma fantástica vista da cidade baixa e do mar.

Lá, recordamo-nos de quando estivemos com Moy, Mau e Reco e dormimos na casinha-que-anda de frente para o marzão.

Eles ainda tinham entre 7, 9 e 13 anos. Fizeram



uma brincadeira para ver quem tinha coragem de entrar no cemitério que, ainda hoje, fica ao lado da igreja. Quando contei à turminha, eles quiseram repetir a façanha. Com o nosso lema de que medo só existe na cabeça, entramos todos. Suspense. Íamos saindo, quando umas grandes almas penadas apareceram na nossa frente. Gritaria. Eram tia Suca e tia Soca, fazendo visagem. Brios de coragem. João até chamava para ir outra vez. Depois disse:

— Eu sou aventureiro. Se tiver uma caverna escura e todo mundo tiver medo, eu vou. Mas antes digo: vamos, tia Tica?

O guiazinho que nos acompanhava queria mostrar serviço e contava de enfiada a história do Brasil. Lá p'rás tantas, perguntou:

— Sabe o que o boi disse para a vaca?

E Tiana:

— O quê?

E o guia:

— Vamos fazer uma vaquinha para o guia?

Fizemos nós a vaquinha, claro.

O sol já descambava no horizonte, quando tocamos para Porto Seguro. Paramos a casinha-que-anda perto do beco da música ao vivo. Sil e Domingos encontraram uma

pousada pertinho da gente. Ou melhor, como quem anda é a nossa casinha, nós a paramos pertinho da pousada. E fomos para o beco. A turminha pediu batata frita com carne do sol. Comeram, mas Tiana se chateou com alguma coisa (que já não me lembro) e não quis. Na hora de dividir a conta, Suzana cobrou de todos. Tiana, que não havia comido, disse:

— Eu não comi; só pago o meu refrigerante.

Ao que Sil, com sua autoridade de avó da discordante, retrucou:

— Não comeu porque não quis, tem que pagar.

E ela:

— Só pago o que comi e pronto.

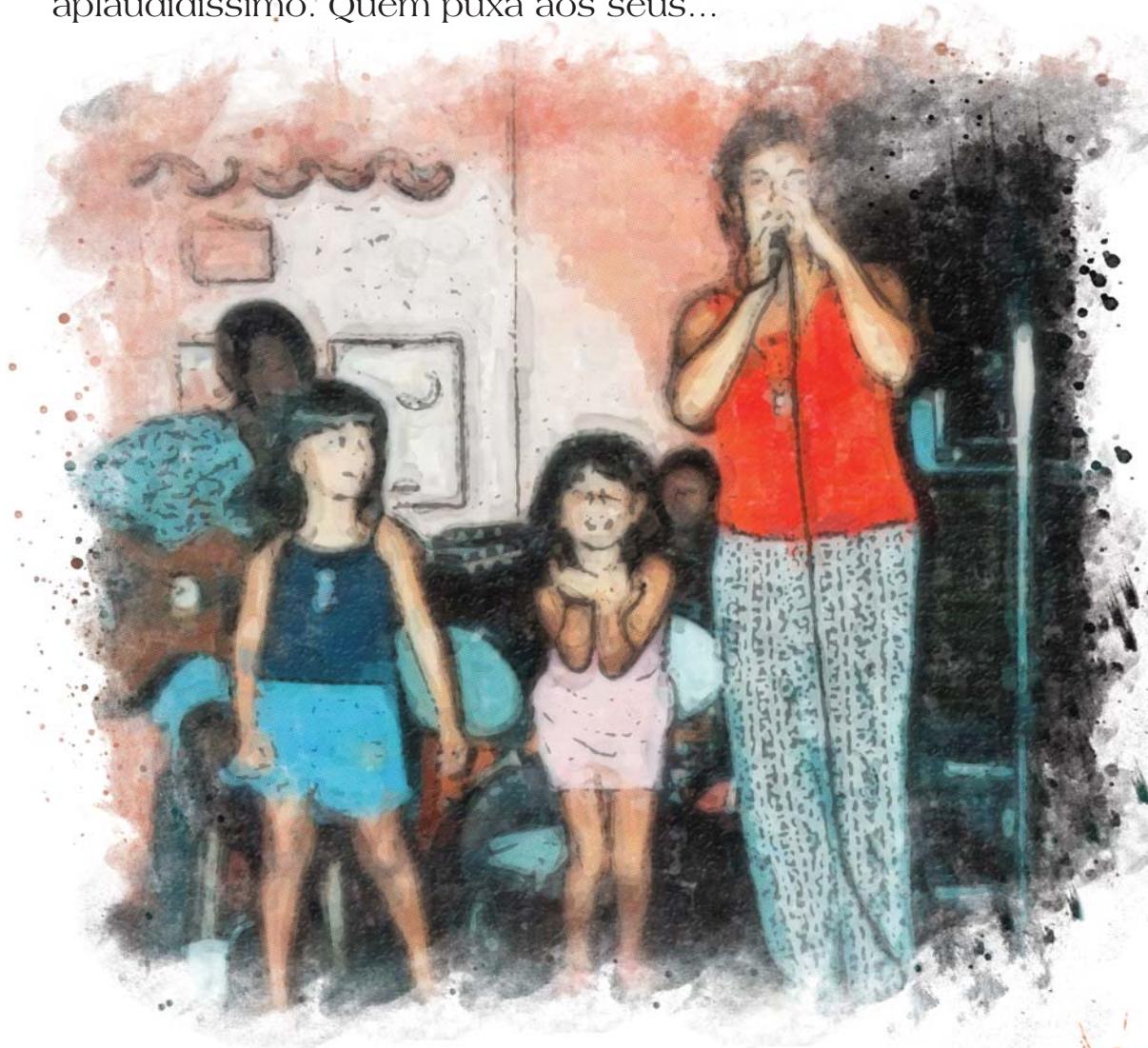
Calamo-nos todos ante a lógica do raciocínio.

De barriga cheia, eles foram ouvir a cantora. Sentaram bem em frente. Tiana tirou o retrato dela. Foi se chegando e, quando a cantora deu brecha, estava no palco, chamando Aline, que não se fez de rogada.

Marina e João foram um pouquinho, mas preferiram ficar olhando. Pronto, as duas viraram corpo de baile. Saíram à força, já uma da manhã.

Na casinha, apesar do sono, exigiram os “causos” da vovó

Tica. Então lembrei que Mau, quando tinha quatro anos, cantou toda A Banda, de Chico Buarque, na escada do avião. E foi aplaudidíssimo. Quem puxa aos seus...







De história e origens

O dia amanheceu nublado, mas logo, logo, o sol mostrou o seu sorriso. Depois do toddynho matinal, com geléia, biscoito, etc... fomos conhecer a Coroa Vermelha, local da primeira missa do Brasil, rezada pelos portugueses. Lá estavam os índios, representantes dos primeiros habitantes do Brasil.

Então, vovô Hique explicou como aconteceu o Achamento do Brasil.

Perguntas, retratos, compras de artesanato.

E fomos para a praia. Ficamos na cabana Barramares, à foz do rio dos Mangues onde, dizem, Cabral abasteceu as caravelas.

O som, com animação e ginástica de praia, atraiu a criançada.

Tia Sil mostrou os seus dotes e dançou junto, sob o olhar vigilante de Domingos. Queijo coalho foi o tira-gosto preferido. Pela primeira vez, vi Aline comer gulosamente. Queijo coalho e, depois, batata frita e carne do sol.. Uff, essa aí pra comer é fogo! Não sei onde encontra tanta energia.

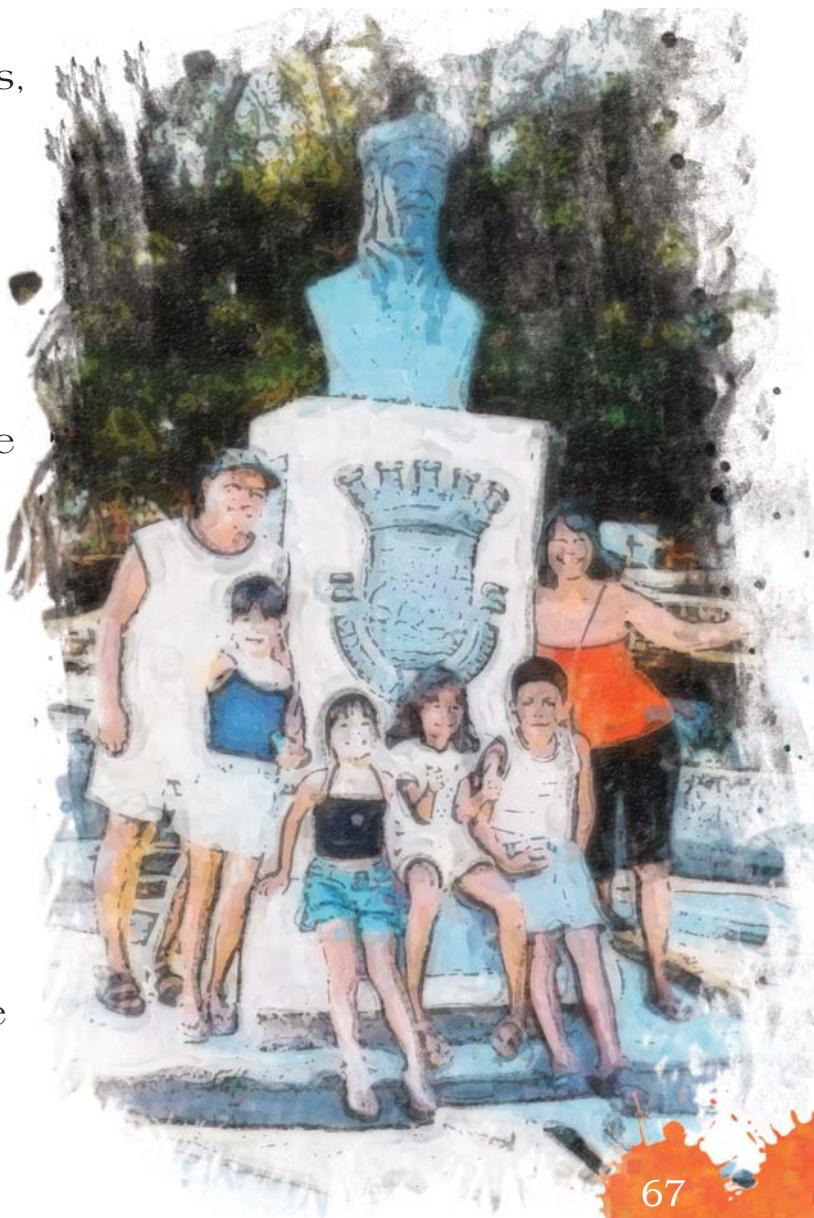


No mar de águas tranquilas, brincamos outra vez de brigade-galo. Aproveitamos o chuveirão da barraca e tomamos o nosso banho.

Arrumados e bonitos, fomos visitar a cidade alta de Porto Seguro. Combogó ficou descansando na entrada da cidade. Vovô Hique de guia, claro. Depois de dizer sobre os índios que aqui viviam antes dos portugueses, apresentou o brasão português, na entrada da cidade alta.

Depois, a praça, a igreja, o marco do descobrimento.

Mostrou, ainda, a igrejinha de 1530, onde a vó Tica lançou o seu primeiro livro nos idos de 1975 (tempo...).



Uma feirinha de artesanato distraiu a criançada. Na volta, v^o Hique apresentou o Pau-Brasil, árvore de folhinhas miudinhas e que deu o nome à nossa terra (isso todos sabiam).



Chegou a noite e já ao lado da pousada de tia Sil, começamos a nos arrumar para a farra. Tia Pa-Soca aproveitou o momento para cobrar da turminha a camisa que mandara fazer especialmente para a excursão, com a logomarca da casinha.

Ao dizer que cada um deveria pagar a sua, explodiu uma revolução. Marina pulou lá, e disse:

— Eu não encomendei nada. Não vou pagar.

Foi imediatamente apoiada por Aline:

— Eu também não.

E Tiana:

— Nem eu, e você, se insistir, vou entrar na “injustiça”, que minha mãe é advogada e boa.

E Aline:

— E meu avô Murilo foi delegado de polícia!

Joãozinho apoiava.

Soca ficou “amarela” e intimidada com tanta determinação do consumidor. Fui ao socorro dela, explicando o seu investimento.

E Aline:

— É, vamos pagar, ela é tão legal com a gente.

Relutantemente, pagaram.

Sáímos pelas ruas, perambulando. Foi então que vovô Hique deu a ideia do tererê.

Animação geral. Achamos um argentino que colocava aquela cordinha de contas no cabelo. Cada uma escolheu o seu. Insistiram, apoiadas pelo avô, e eu também coloquei (muito avó e pouco ligando para que daí a dois dias ia ser arguente de uma tese de doutorado). Menos Joãozinho, que nem admitiu pensar. E foi logo dizendo:

— Eu sou macho.



Fomos jantar no beco. A turminha não aceitava outro lugar. Tinha que ser com show ao vivo. A cantora, ao avistá-las, lindas com o chapéu de vaqueiro que haviam comprado, anunciou o seu corpo de baile.

Foi dar liberdade, pronto: Tiana e Aline não saíram mais do palco.

Nessa mesma noite, por uma ciumada qualquer, armou-se briga feia entre Marina e Tiana. Aline foi defender Tiana, por ser menor, e a coisa ficou faiscante entre ela e Marina. João, todo apaziguador e amigo, tentava conciliar. Chegou ao ato extremo de amizade ao dizer que pagava sorvete para todas! Marina estava irredutível. Daí a pouco, nem sabemos bem como ou porque, estavam todos em paz.

Na hora de dormir, os “causos” versaram sobre solidariedade e companheirismo, bem naquele sentido dos Saltimbancos (Chico): “todos juntos somos fortes”.





Amigos para sempre!

O penúltimo dia era a grande expectativa. Nem sabíamos ainda se vovô Hique conseguiria “descolar” os ingressos para o maior parque aquático da América do Sul. A turminha estava dividida entre gastar o rico dinheirinho com as delícias do parque ou economizá-lo para as comprinhas. O vô saiu cedo e a torcida organizada cruzou os dedos. Para a alegria de todos ele voltou triunfante. O VIVAAA! foi sonoro. Fechamos Combogó, colocamos as mochilas nas costas e lá fomos pegar a balsa para o Arraial d’Ajuda.

Na portaria do *Paradise* Parque, começou a confusão. Somente crianças com mais de 1,20m poderiam desfrutar de

tudo. Havia um metro próximo. Todos correram para se medir. Somente Tiana tinha menos que o exigido. Inconsolável, ficava nas pontas dos pés para ver se chegava lá. Nada. Revoltada, disse que era “descremonição”, que ia voltar para o hotel. Depois de muita insistência, inclusive das primas, parou, cruzou os braços e disse, condescendente:

— Está bem, oh, meu Deus, o que eu não faço por minhas primas!

Daí prá frente, foi um não parar de água.

E nós todos, de apoio, passamos a concorrentes.

Nem sei bem quem se divertiu mais, crianças ou adultos:



escorregadeira aquática, piscina de onda, passeio no riozinho, montanha russa na boia de quatro...

Foi o dia todo. Saímos quando não havia mais ninguém. Atravessamos de balsa e, então, Tiana deu falta do brinco. E repetia, quase chorando:

— Ai, meu Deus, como vou dizer a minha mãe??

Já no motorhome explicou:

— Sabe o que é, o brinco custou muito caro. E bem que a minha mãe não queria comprar. Eu “ênxisti, enxisti” tanto que ela comprou, mas me avisou que foi caro!. E agora? A minha mãe vai ficar muito triste.

Queria tirar o brinco que sobrou. Eu disse que deixasse na orelha para não perder.

E ela:

— Não, não vou arriscar. Se eu perder um a minha mãe vai ficar triste. Se perder os dois, ela vai ficar irada!

E entregou o brinco a vó Sil.

A nossa viagem estava chegando ao fim e a turminha queria aproveitar tudo. Chegamos cansados, mas ninguém falou em descansar. Trocaram de roupa e lá fomos fazer a tatuagem e comprar os presentes dos pais. Contavam os dinheiros, faziam conta. Enquanto as meninas exibiam as suas

riquezas quase intactas, Joãozinho, que já tinha gasto mais (porque comprou os presentes antes), disse para a vó Suca:

— Eu ainda tenho R\$20,00!!

Já pensavam em economizar para a próxima viagem. Os pais que se preparem para mandá-los para outra aventura! E Joãozinho, que sofreu tanto para gastar o seu precioso dinheirinho, começava a pensar na nova etapa de economia que ia fazer.

As tatuagens ficaram lindas. As escolhas foram ecológicas: o golfinho de Marina, o beija-flor de Aline, o outro golfinho de Tiana e o cavalo-marinho de vovó Tica.

João ficou até tentado, mas decidiu que homem não faz essas coisas.

Sáímos exibindo os nossos tornozelos, com as minúsculas e coloridas tatuagens.

E então começou o sofrimento (para os adultos) das compras. Dividimo-nos para andar mais rápido. Suca e Marina, Sil e Tiana, eu e Aline. Soca de apoio. Depois de muita escolha e pechincha, afinal, compraram tudo. Ufff!!

E Aline:

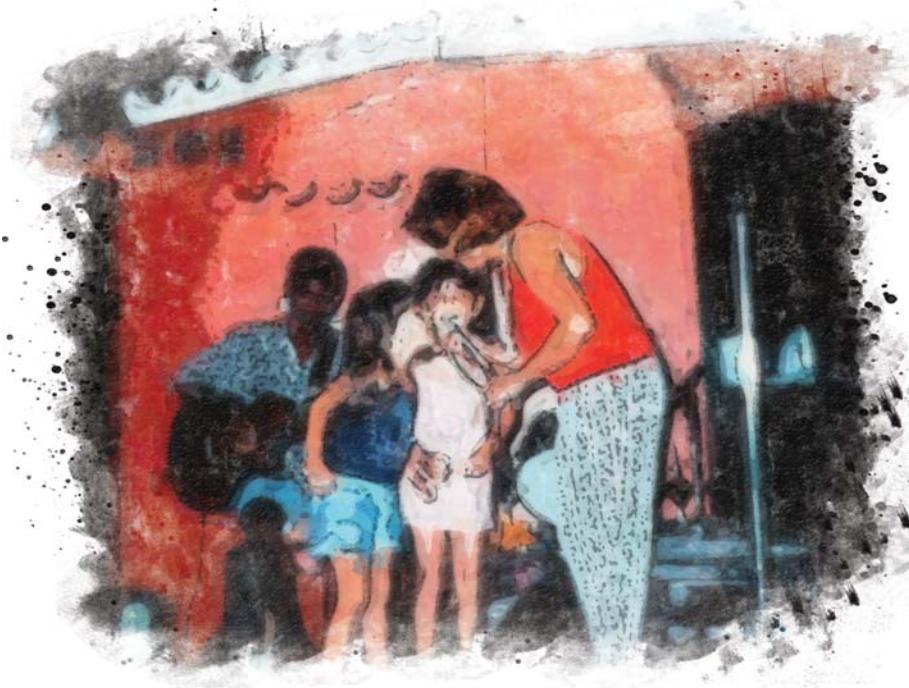
— Agora vamos para a farra de despedida.

E lá fomos para a praça, onde a cantora já as esperava e anunciou o seu corpo de baile. Mas elas queriam mais. Lá pelas tantas, uma mesa pediu que cantasse Titanic. Aline tomou o microfone e cantou em inglês.

Tiana não tirou por menos (se não cantou, engrolou). Foram aplaudidas de pé. As garotas prometem!! João também deu o seu showzinho de despedida. Marina, como sempre, preferia ouvir. Mas mostrou o seu pé-de-dança, quando passou o jegue-elétrico (que Aline descobriu ser um burro).

Para saírem da praça deu trabalho, afinal era o último dia...

Nessa noite, última dormida da turminha na casinha-que-anda, resolvi contar um “causo” sobre perseverança (pertinácia,



como preferia dizer biso Lau). Daí, perguntei:

— Já conhecem a história da ‘última braçada’?

Todos juntos:

— Não!! Conta, conta!!

— Bem, como vocês sabem, eu sempre gostei de nadar, desde menininha.

— Sim, disso já sabemos. E daí??

— *Dessa vez, foi num campeonato de natação. Quando disseram que eu deveria representar a minha escola, fui logo avisando que estava fora de forma; mas como não havia outra atleta disponível, fui eu mesma. No começo, fui ganhando... Na competição final, restavam duas nadadoras e eu. Ao apito do juiz, caímos na piscina. Nadei, nadei ... dei tudo que podia, mas no meio da piscina não aguentava mais. Pensei: “Vou parar aqui mesmo!!!” E, imediatamente, reagi: “Não posso parar no meio da piscina, tenho que, pelo menos, chegar à borda, nem que seja por último”. A torcida das duas concorrentes era grande. Vibrava. A minha torcida se resumia a vouô Hique e Mau (que, com dois meses, apenas prestava atenção!). Naquela gritaria, entrecortada pelo barulho das braçadas, eu só ouvia a voz de vouô Hique, dizendo: — Vamos, vamos!!! Reuni toda a minha vontade (porque força mesmo eu não tinha mais) e continuei. E fui... e fui... Poft! Toquei na borda da piscina. Para a*

minha alegria, o juiz anunciava:

— Por uma braçada!! Ela ganhou por uma braçada!!

— Viva!!!, gritava vouô Hique; Mau, com os olhinhos atentos, até parecia entender, e ria!

Eu, surpresa e feliz, nem acreditava: “Ganhei por uma braçada!!”

E ficou para mim a grande lição: é preciso que não desistamos nunca! Nas dificuldades que tivermos, sempre poderemos reunir forças e dar mais “uma braçada”!

A essa altura, todos os pequenos viajantes estavam pensativos. Foi então que Aline disse:

— É, vó; vou lembrar da “última braçada” quando sentir preguiça de estudar.



O acordar do dia seguinte foi de alvoroço. Arruma-arruma. Procura-procura. Nisso, não se achava a blusa de Aline da casinha-que-anda. Depois de alguma busca, ela disse:

— Se não achar, quero o meu dinheiro de volta.

Tia Pa-Soca tremeu nas bases. Mas afinal achamos, uff. O disco de Andrew Lloyd Weber era música de fundo. Vez por outra, todos juntos repetiam:

— Amigos para sempre!

As mocinhas vestiam as roupas novas para viajar. Estavam lindas, bronzeadas e felizes. João meio triste, porque ia ficar sozinho.

Fomos para o aeroporto de Porto Seguro com antecedência, para não haver surpresas na hora do embarque. Vez em quando um dizia do seu pesar em partir. Aline:

— Quero ir, mas não quero ir.

E Marina:

— Vou ficar com saudade dos “causos”, tia Tica. Tia Tica, você parece uma índia!

E Tiana, decidida:

— Quero ficar mais!

Retratos de despedida. Joãozinho, o rapaz do grupinho, queria um especial para o seu quarto. Mais uma vez, o propósito de amigos para sempre. A certeza da próxima viagem consolava

a despedida. O avião pousou e a chamada as fez estremecer e a todos nós. Abriram num choro uníssono. Esta foi a maior demonstração de que a viagem foi um sucesso.

Outras virão, certamente. Mas sabemos que toda vez que ouvirmos *Amigos para sempre*, nas lembranças de todos nós, tripulantes dessa viagem, o som se fará acompanhar da imagem da casinha-que-anda e do sabor da aventura...

E este é um “causo” que não poderei deixar de contar aos meus futuros bisnetos.







